



Publicado na 11ª Edição (Novembro e Dezembro de 2009) da Revista Linguasagem
www.lettras.ufscar.br/linguasagem

A GRIPE SUÍNA NA/PELA LÍNGUA AFIADA DE CHARGISTAS

Andréia Melo
Carmem Zirr Artuzo
Carmen Lúcia Toniazzi
Domingos Pinto de França
Dyolen Emanuel Vieira de Souza
Elizangela Patrícia Moreira da Costa
Ely Alves Miguel
Itamar José Bressan
Jaqueline Gentil Ribeiro dos Santos
Jefferson Balan da Silva
Kerzi Samary D. Custódio
Márcia Jamil da Silva
Marcilene Ribeiro da Silva
Maria Inês Pagliarini Cox¹
Maria Margareth C. A. Krause
Mariani da Silva Vaz
Neyla Barbosa de Oliveira
Rejane Soares
Rute de Almeida e Silva
Shirlei Neves
Terezinha Della Justina

INTRODUÇÃO

No ano de 2009, por ocasião da oferta da disciplina Análise de Discurso pelo Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem, optamos por ler a obra de Dominique Maingueneau. Essa decisão incluía, num primeiro momento, a leitura de alguns textos de livros como *Novas Tendências em Análise de Discurso*, *Gênese do Discurso* e *Cenas da Enunciação* e, num segundo, a leitura de textos analíticos balizados por conceitos e/ou noções propostos ou relidos pelo autor. Imaginamos que o curso poderia culminar com a realização, pelos alunos, de pequenos ensaios de análise, explorando a potencialidade de alguns conceitos propostos pelo autor na interpretação

¹ Todos os autores que assinam este texto foram alunos regulares ou especiais do Curso de Análise de Discurso, oferecido pelo MeEL em 2009/02, e ministrado por mim, Maria Inês Pagliarini Cox. Neste texto, faço a costura dos trabalhos produzidos pelos alunos.

de um *corpus* discursivo relacionado a um dado acontecimento, seguindo a sugestão e o exemplo bastante didático de Possenti (2006).

À época do curso, entre os acontecimentos destacados pela mídia brasileira figurava a rápida propagação da gripe suína em escala mundial. Também eram tópicos frequentes o episódio da farra das passagens aéreas e das horas extras e mais um escândalo no senado, dessa vez protagonizado por José Sarney. Decidimos ficar com o caso da gripe suína, uma vez que os outros assuntos momentosos estavam, à primeira vista, mais imediatamente enredados no universo da política e tínhamos por objetivo mostrar que se “a AD é uma boa teoria, deve possibilitar a análise de qualquer material discursivo” (POSSENTI, 2006, p. 96) e não apenas de discursos fortemente doutrinários, objetos outrora privilegiados pela disciplina.

O acontecimento “gripe suína” foi noticiado e comentado pela mídia durante boa parte do ano de 2009. Se os anos de 1918 e 1919 ficaram na história como os anos da letal gripe espanhola, o ano de 2009 ficará como o ano da gripe suína. O montante de textos sobre o tema é certamente descomunal. Como não tínhamos a pretensão de exaurir o arquivo de textos sobre o assunto, recortamos primeiro aqueles cuja função não era informar e esclarecer os leitores, mas sim comentar algum aspecto do acontecimento. E, dentre os textos da ordem do comentário, afunilamos o *corpus* para as charges que exploravam a gripe suína como tema principal ou como gatilho para outros temas. As charges, ao tempo que comentam, opinam sobre o assunto, têm a função de provocar o riso do leitor, deslizando do registro sério para o registro cômico.

Nos limites desse trabalho, chamamos de “charges” aqueles textos que se utilizam da linguagem pictórica ou da combinação da linguagem pictórica com a verbal para fazer uma crítica humorística, derrisória mesmo, de um acontecimento central ou tangencialmente político que esteja na ordem do dia. Chargistas dialogam com assuntos momentosos com os quais virtuais leitores estejam em sintonia. Aliás, apenas os leitores que compartilham das condições de produção constitutivas de uma dada charge podem, de fato, entendê-la. Apartado espaço-temporalmente das condições de produção, uma charge tem seu potencial de significação altamente comprometido, requerendo um trabalho deliberado de reconstituição do momento histórico que passou e não mais evocado de pronto pelo público leitor como algo familiar, como algo presente no repertório das coisas que nos são contemporâneas.

Escolhemos focalizar na análise das charges a chamada “cena da enunciação”, na proposição triádica de Maingueneau (2008 e 2001) e recorreremos ao conceito de

semântica global para operacionalizar a leitura dos textos. Conforme Maingueneau (2005, p. 79), “uma semântica ‘global’ não apreende o discurso privilegiando esse ou aquele dentre seus ‘planos’, mas integrando-os todos ao mesmo tempo, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação”. Transcendendo os planos do signo e da sentença, a semântica global postula que o processo de significação se dissemina por toda a “discursividade”. Entre os diversos planos abarcados pela semântica global, incluem-se, no caso da charge, o plano pictórico, reafirmando a vocação da Análise de Discurso como um instrumental de leitura de práticas intersemióticas.

O ACONTECIMENTO “GRIPE SUÍNA”

A gripe foi inicialmente detectada no México no final de março de 2009 e desde então se espalhou rapidamente para Estados Unidos, Canadá e para o resto do mundo graças às viagens aéreas. O primeiro caso no Brasil foi detectado no Rio de Janeiro, no mês de maio, em um jovem que havia viajado para Cancun e feito escala na cidade do México. Em junho de 2009, a OMS elevou o nível de alerta de pandemia para a fase 06, indicando ampla transmissão em pelo menos 02 continentes.

A doença é causada por uma nova estirpe do vírus *influenza A H1N1*, relacionado à gripe suína. A origem desta nova estirpe é desconhecida. Contudo, a Organização Mundial de Saúde Animal anunciou que esta estirpe não foi isolada em porcos, transmitindo-se de humanos para humanos. Não há contaminação pelo consumo de carne ou produtos suínos. Não foram identificados porcos doentes no local que é considerado o ponto de origem da epidemia (La Gloria, distrito de Perote, no México). Trata-se, possivelmente, de um vírus mutante, com material genético das gripes humana, aviária e suína. Contudo, o primeiro batismo da gripe como “gripe suína” foi o que vingou, apesar de todo esforço para rebatizá-la como gripe A H1N1, para evitar o impacto negativo sobre as vendas de carne de porco, bem como o possível sacrifício de rebanhos inteiros de suínos, cogitado quando a doença veio a público.

No início, o fantasma da gripe espanhola parecia estar de volta. Depois foi dita uma “gripinha”, mesmo porque seus sinais e sintomas são semelhantes aos da gripe comum, tais como febre, tosse, dor de cabeça, dores musculares, dor na garganta e fraqueza. Só quando as mortes de pessoas jovens e saudáveis e principalmente de mulheres grávidas começaram a despontar entre as estatísticas, a gripe A H1N1 foi devidamente dimensionada em seu grau de periculosidade.

Em vista do comportamento não severo dos primeiros casos da gripe detectados no Brasil, o Ministério de Saúde demorou a perceber que não se tratava de uma “marolinha” e que medidas de prevenção e tratamento das pessoas infectadas precisavam ser definidas urgentemente. Grande número das mortes ocorreu devido à demora na confirmação da contaminação do doente pelo vírus A H1N1. O diagnóstico precoce e a consequente administração do antiviral eram as principais condições para o sucesso no tratamento das formas mais graves da doença.

Apesar de as autoridades brasileiras do setor de saúde afirmarem não haver motivo para pânico em relação à gripe suína, a realidade se apresentava assustadora, considerando a falta de estrutura para atender o volume de pessoas com sintomas gripais que buscavam atendimento médico e o despreparo de muitos profissionais que sequer conseguiam diagnosticar a doença. A população do país sentiu um certo descaso, desamparo da parte do governo, para enfrentar a epidemia que, com a chegada do inverno, se propagou rapidamente, sobretudo nas regiões com baixa temperatura como sul e sudeste. Uma vez mais a fragilidade dos órgãos de saúde pública era estampada pela mídia. A imprensa internacional informava o grande número de óbitos no Brasil, com o país mais uma vez se destacando pelas mazelas na área da saúde.

A CENA DA ENUNCIÇÃO: UMA TRIPLA INTERPELAÇÃO

Em 2006, analistas de discurso brasileiros tiveram acesso à primeira edição da obra de Dominique Maingueneau *Cenas da Enunciação*, efetivamente uma compilação de artigos escritos entre os anos de 1998 e 2006, realizada por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. Conforme Salgado (2008), essa obra não constitui uma revisão do corpo teórico do livro *Gênese dos Discursos*, publicado na década de 1980. Pelo contrário, reafirma algumas noções trazidas no *Gênese*, como a hipótese da existência de uma Semântica Global, que se constitui como ponto de partida para a retomada de outros conceitos dessa obra, como também para a apresentação de novos conceitos.

O acesso a essas duas obras encetou entre pesquisadores brasileiros dedicados à análise de discurso uma série de aplicações teórico-metodológicas a *corpora* variados. Uma amostra significativa dessas aplicações foi reunida no livro *Contribuições de Dominique Maingueneau para a Análise do Discurso no Brasil* (2008), uma coletânea de artigos organizada por Sírio Possenti e Roberto Leiser Baronas.

Em *Cenas da Enunciação*, Maingueneau focaliza especialmente os modos de produção textual e sua inter-relação com os quadros sócio-históricos nos quais são realizados. Partindo dessa consideração, vê o discurso como prática discursiva sobre a qual é relevante explicitar as formas textuais de circulação, tendo em vista ser o texto o lugar de sua materialização. Sempre preocupado em propor construtos teóricos que garantam a operacionalização de análises discursivas de diferentes tipos de dados, o autor propõe a noção de “cena da enunciação”. De acordo com Maingueneau (2008, p. 115-135; 2001, p. 85-93), a cena da enunciação de um texto combina três cenas: cena englobante, cena genérica e cenografia, dentre as quais ao menos as duas primeiras estão sempre presentes. A essas três cenas correspondem três modos de interpelação do interlocutor virtual do texto.

A “cena englobante” “corresponde ao *tipo* de discurso, ao seu estatuto pragmático” (Maingueneau, 2008, p. 115), definindo, sobremaneira, o modo de o texto interpelar o leitor. Quem vive numa formação sócio-histórica como a nossa, se receber um folheto na rua, é capaz de remetê-lo ao discurso religioso, político, publicitário, jornalístico, literário ou qualquer outro tipo. Por exemplo, como leitores de um folheto de teor publicitário, somos interpelados como *consumidores* possíveis.

A cena englobante é demasiadamente geral para dar conta de especificar as atividades discursivas em que enunciador e co-enunciador encontram-se engajadas. “Vemo-nos confrontados com gêneros de discurso particulares, com rituais sociolinguageiros que definem várias cenas genéricas” (MAINGUENEAU, 2008, p. 116). A “cena genérica”, conforme Possenti (2008, p. 204), implica um contexto específico que estabelece os papéis dos participantes, o modo de inscrição no espaço e no tempo, o suporte material, a finalidade etc. No caso de um folheto publicitário, um gênero textual específico, concretizado por meio de um suporte textual (impresso) também específico, temos o produtor (o enunciador) de determinadas mercadorias ou serviços tentando persuadir uma classe determinada de consumidores (o co-enunciador) a adquirir tais produtos.

Os espaços da cena englobante e da cena genérica são relativamente estáveis e, na maioria das vezes, apenas elas definem a cena da enunciação. Contudo, pode intervir uma cena bastante específica e imprevisível – a cenografia – “que não é imposta pelo tipo ou pelo gênero do discurso, mas é instituída pelo próprio discurso” (MAINGUENEAU, 2008, p. 116). Ainda segundo o autor, “A escolha da cenografia

não é indiferente: o discurso, desenvolvendo-se a partir de *sua* cenografia, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima” (2008, p. 117).

Maingueneau (2001, p. 87 e 88) afirma que a cenografia implica um *enlaçamento paradoxal*: a enunciação supõe uma certa cena que, efetivamente, só se constitui e legitima à medida que ela própria vai se desenrolando. “Desse modo, a cenografia é *ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra*; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, estabelecendo que essa cenografia onde nasce a fala é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém, segundo a política, a filosofia, a ciência, ou para promover certa mercadoria” (grifos do autor).

Uma cena da enunciação pode incluir uma cena validada, que se caracteriza por apresentar aspectos que foram fixados na memória coletiva, que evocam determinados modos de ser e estar ligados às atividades sociais. Uma cena validada funciona “como um estereótipo autonomizado, descontextualizado, disponível para reinvestimento em outros textos” (Maingueneau, 2001, p. 92).

Vamos, então, ler o conjunto de textos de nosso *corpus*, utilizando-nos dos conceitos de cena englobante, cena genérica e cenografia, sublinhando o significativo papel da cenografia na apreensão dos efeitos de sentido provocados por um enunciado específico configurado no gênero charge.

ILUSTRAÇÕES

Podemos dizer que os textos analisados se identificam quanto à cena englobante e à cena genérica. A cena englobante é o *discurso humorístico* veiculado em suportes midiáticos vários: jornais e revistas impressas e *on line*, *sites*, *blogs* etc. Quer dizer, os textos, pragmaticamente, visam ao riso. Já a cena genérica é constituída pela *charge* e não por outros gêneros humorísticos também passíveis de ocorrência na mídia contemporânea, como o anedotário político, as tiras, as piadas etc. A charge é um gênero humorístico bastante específico: o texto é, via de regra, verbo-visual; comenta em tom de “brincadeira” fatos que estejam na crista da onda na mídia; pratica uma espécie de humor que leva o leitor a rir da ridicularização da vítima, geralmente, uma personalidade notável ou mesmo uma classe inteira que tenha caído em desgraça na opinião pública, como é o caso dos políticos no Brasil.

Como afirma Maingueneau (2008 e 2001), há textos que se reduzem às cenas englobante e genérica, como uma lista telefônica, uma receita médica, uma bula de remédio etc. Não é certamente o caso da charge que não sobrevive sem a cenografia, responsável pela evocação do ingrediente da cotidianidade de que rimos. Sem cenografia, não há charge. Vejamos como cenografias específicas são instituídas e legitimadas pelas/nas charges de nosso *corpus*.

Texto 1



Fonte: www.josiasdesouza.folhablog.uol.com.br, acesso em 31/10/2009.

Essa charge, assinada por Dalcio, foi publicada no jornal Correio Popular no dia 12 de junho de 2009 e transposta para o blog do jornalista Josias de Souza no dia 14 de junho de 2009, onde fizemos a coleta. A cenografia evoca e cruza dois acontecimentos reiteradamente noticiados no ano de 2009: a epidemia da gripe A H1N1 e a corrida presidencial brasileira para 2010.

A epidemia da gripe A H1N1 provocou uma sensação de insegurança e medo na população brasileira, temendo que o país pudesse não estar preparado para enfrentá-la, tendo em vista a expansão vertiginosa da doença no mundo todo. A mídia punha em circulação os rumores de uma possível pandemia, isto é, uma epidemia amplamente disseminada, assim como a suspeita sobre a efetiva capacidade do país/governantes/sociedade controlar a doença. Contrariamente aos fatos noticiados pela mídia, os governantes tentavam amenizar o flagelo, afirmando que o país estava preparado para enfrentar o surto de gripe.

Concomitantemente, a mídia noticiava a corrida presidencial para 2010. A possível candidatura de Dilma Rouseff, ministra da Casa Civil no governo Lula,

tornara-se uma tópica fecunda para imprensa. A mídia tem mostrado que Lula não poupa esforços para promover sua candidata, sendo inclusive acusado pela oposição de abusar da máquina pública e desrespeitar a legislação eleitoral brasileira. Durante o ano todo, Dilma, batizada de mãe do PAC, peregrinou com Lula Brasil afora, participando de inaugurações, lançamento de programas e eventos vários, numa tentativa de popularizar-se, já que era tida como uma pessoa sisuda. Lula tenta, a todo custo, transferir um pouco de sua popularidade para sua candidata, já que ela apresenta o maior índice de rejeição entre os presidencialistas. Assim, onde há palanque ou palco e público, lá está Dilma a tiracolo de Lula.

São esses os acontecimentos momentosos que a charge evoca na constituição da cenografia. O enunciador-chargista remete o leitor para uma cena validada na memória coletiva brasileira desde o advento da televisão: a entrevista jornalística ocasional. É recorrente, na mídia televisiva, a abordagem de políticos por repórteres para a concessão de rápidas entrevistas, a fim de esclarecer determinados acontecimentos, posições ou ações do governo. No mundo de faz de conta da charge, o leitor se depara com a “encenação” de uma entrevista com Lula e Dilma, personagens identificadas no plano imagético. O presidente, interrogado sobre a pandemia da gripe A H1N1, teria respondido “O Brasil está preparado para a PANDILMIA”. O trocadilho entre as palavras PANDEMIA e PANDILMIA, produzido intencionalmente pelas modificações fonêmicas mínimas no plano do significante oral e/ou gráfico, faz a entrevista soar como uma conversa de surdos ou de loucos. Aliás, por meio do trocadilho, o presidente é posto a confessar publicamente que preocupação mesma é aquele que nutre em relação à sua sucessão. Promover uma PANDILMIA, ou seja, uma mega (PAN) exposição de sua candidata, um “surto” de Dilma, e não combater uma PANDEMIA de gripe, eis o que ocupa a atenção do presidente em tempo integral.

Podemos afirmar que o enunciador parte de uma cena validada na nossa sociedade, a de que um líder político em uma situação de epidemia deve informar a população sobre as medidas tomadas, a fim de garantir a saúde pública, para, no jogo de palavras próprio do gênero charge, na troca de “demia” por “DILMIA”, criticar, ridicularizar e escarnecer o comportamento oportunista do presidente e de sua candidata.

No texto 2, abaixo, novamente a tópica da alienação do governo em relação ao surto de gripe A H1N1 é explorada pela charge. Destarte, a cenografia remete o leitor para um espaço público onde há agrupamento de pessoas. Na cena, são representadas

peças usando máscaras sobre o nariz, a maioria com uma expressão aflita e preocupada com o perigo de contaminação pela gripe. Contudo, uma das peças, que identificamos facilmente como sendo o presidente Lula, destoa do grupo pelo semblante feliz e descontraído e por usar a máscara, não no nariz, mas nos olhos, enfim, por fazer da máscara uma venda. É impossível não associar esse enunciado pictórico ao provérbio “Cego é aquele que não quer ver”, que não combina com a figura de um presidente que deveria ver e se preocupar com a saúde pública mais do que os outros.

Texto 2



Fonte: <http://blogdomaleski.blogspot.com>. Acesso em 28/10/09.

Esse enunciado pictórico reitera/comenta derrisoriamente enunciados verbais que, à época, circulavam constante e fartamente em matérias jornalísticas veiculadas pela mídia, como sugerem os títulos “A gripe suína e uma omissão fatal”², “Gripe Suína, o Governo está tapando o sol com a peneira?”³, “Gripe Suína: O Apagão do Governo Lula”⁴, “CNT/Sensus: 42% desaprovam atuação do governo contra gripe suína”⁵, “Lula não tá nem aí pra gripe suína”⁶ etc. Todos eles aludem a um presidente com venda nos olhos, a um presidente que finge não ver a gravidade do surto que amedronta a população do país. O que nos faz rir é o fato de o enunciado, na charge, se dizer por meio de uma contundente hipérbole pictórica.

² Disponível em: <<http://www.paulohenriqueamorim.com.br>> Acesso em: 03 de nov. de 2009.

³ Disponível em: <<http://br.answers.yahoo.com>> Acesso em: 03 de nov. de 2009.

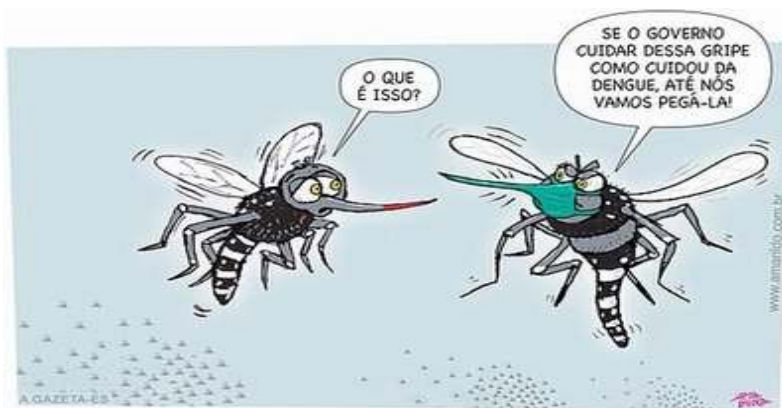
⁴ Disponível em: <<http://brasil.melhores.com.br>> Acesso em: 03 de nov. de 2009.

⁵ Disponível em: <<http://www.mauricio.beltran.nom.br>> Acesso em: 03 de nov. de 2009.

⁶ Disponível em: <<http://www.youtube.com>> Acesso em: 03 de nov. de 2009.

O texto 3, abaixo, inscreve-se, igualmente, no grupo das charges que castigam a negligência do governo em relação ao surto de gripe A H1N1, em meio ao qual se viu a população brasileira no ano de 2009. É de autoria de Amarildo e foi encontrada no blog “Pombo sem asa”.

Texto 3



Fonte: <http://pombosemasa.wordpress.com>. Acesso em 26/10/09

Nessa charge, a cenografia simula uma conversa entre dois mosquitos do tipo *Aedes aegypti*, sabidamente o vetor de transmissão da dengue, que, numa representação de mundo às avessas, falam, com conhecimento de causa, do descaso do governo para com a saúde pública. Um deles usa máscara, o outro, não. Um é precavido, o outro, incauto. O mosquito incauto questiona o precavido: “O que é isso?”, estranhando a atitude de seu companheiro em cobrir o “nariz” com uma máscara. O enunciado-resposta produzido pelo mosquito precavido: “Se o governo cuidar dessa gripe como cuidou da dengue, até nós vamos pegá-la”, reativa a memória de que a negligência do governo em relação às epidemias que assolam o país é ancestral. A dengue mesmo não parou de crescer e se propagar pelo país, desde seu reaparecimento na década de 1980, depois de ter sido considerada eliminada em 1923, na esteira da campanha de erradicação da febre amarela que também tinha como vetor o *Aedes aegypti*.

Tudo o que já foi dito sobre a forma como o governo agiu ou deixou de agir no caso dos surtos anuais de dengue ecoa nesse discurso sobre a gripe suína. A frustração com a experiência passada, envolvendo a falta de compromisso e determinação do governo em erradicar o vetor da dengue, leva à descrença em relação às possíveis medidas governamentais de combate à gripe. Daí o enunciado bombástico dito por um *Aedes aegypti* que, graças à inércia e ineficiência do governo, continua bem “vivinho”,

até para ser posto de personagem de uma fábula sarcástica. Se tivesse sido exterminado, certamente não seria um recurso forte para o chargista dizer o que diz e nem um motivo para rirmos.

O texto 4, abaixo, é o último de nosso *corpus* a explorar a tópica da negligência do governo em relação à gripe. É assinado por Iotti e foi publicado no jornal Zero Hora de Porto Alegre em julho de 2009, num momento em que a cidade e o estado do Rio Grande do Sul, em pleno inverno, viviam o pico da infestação pelo vírus *Influenza A H1N1*.

Texto 4



Fonte: <http://www.radicci.com.br/charges.asp>

Nesta charge, a cenografia leva o leitor a presenciar vicariamente a interação entre uma pessoa gripada, pelas secreções nasais representadas pictograficamente, e um atendente de posto de saúde, policlínica ou qualquer outro órgão de saúde pública. Entre as duas pessoas há uma escrivaninha, à maneira de sala de recepção. O atendente usa roupa branca e máscara sobre o nariz, conforme o recomendado para os profissionais da saúde. O doente dirige-se ao atendente e solicita, titubeante, o remédio usado no tratamento da gripe, mencionando apenas o nome do medicamento: “TAMIFLU?!”. Recebe, como resposta, o enunciado “**TAMUFU**” (grafado em letra vermelha), que é a forma contraída da expressão coloquial e pejorativa “Tamu fudido” (Estamos fodidos), bastante familiar aos falantes de português brasileiro. A expressão é usada na charge para negar a existência de remédio. O atendente usa a forma verbal “TAMU” (nós),

quer dizer, ele inclui-se entre os desassistidos pelo Estado. O humor é garantido pelo trocadilho, criado por alterações fonêmicas mínimas – troca da vogal anterior /i/ pela vogal posterior /u/ e supressão da consoante lateral alveolar /l/ – no plano do significante da palavra TAMIFLU, popularizada pela mídia. A cenografia instituída pelo chargista castiga os responsáveis pela saúde pública por não disponibilizarem o remédio para os doentes. Aliás, houve muita controvérsia em torno da administração e distribuição do antiviral. Vale lembrar que, por essa época, a Defensoria Pública da União prometia ajuizar, uma ação civil pública na Justiça Federal contra o Ministério da Saúde e as secretarias estadual e municipal de Saúde, exigindo mudanças na política de combate à *influenza* A (H1N1). Entre as medidas reivindicadas pelo documento estavam: a disponibilização do retroviral usado no tratamento da doença em todas as unidades de saúde públicas e privadas; a ampliação da realização de exames para confirmar o diagnóstico de pacientes com sintomas de influenza, incluindo laboratórios da rede privada; e a liberação de leitos privados para atender pacientes em estado grave nos serviços públicos.

Os textos 5 e 6, abaixo, não tematizam a negligência do governo em relação à gripe, mas nem por isso deixam a política em paz. Eles fazem da gripe suína uma metáfora para castigar a classe política, principalmente senadores e deputados.

Texto 5



Fonte: <http://crolim.blogspot.com/2009/04/charges-gripe-suina.html>. Acesso em 20/10/09

O texto 5 é assinado pelo chargista Frank que recorre, para a construção da cenografia, ao espaço/cenário de um aeroporto. O espaço, possivelmente uma área de embarque e desembarque de um grande aeroporto, é caracterizado pelas amplas vidraças, por onde se pode visualizar o movimento dos aviões. Na cena, observamos três pessoas: uma agente de saúde, um cidadão comum e um político. A agente distribui máscaras e panfletos explicativos a quem viaja, o que é comum nos aeroportos, quando há um surto de doença contagiosa por vias respiratórias. O cidadão comum, ao perceber a aproximação do deputado, dirige-se à agente, enunciando: “Rápido, uma máscara! Vem vindo ali um deputado...”. Detalhe: o deputado é representado pictoricamente como um porco.

Nessa charge, o humor é produzido pelo jogo metafórico e pela ambiguidade de sentidos. O título da charge, por exemplo, é de sentido ambíguo: “Precaução nos aeroportos” pode significar tanto precaução contra a gripe suína (lida pelo senso comum como uma gripe de porcos, apesar de todo esforço para desvinculá-la dessa origem) quanto precaução contra os políticos que frequentemente circulam pelos aeroportos e são comumente tachados de porcos pela desonestidade de suas ações, pelas falcatruas, pela corrupção, pelo abuso da coisa pública em proveito próprio, pelas alianças

espúrias, pelas mentiras, pelas omissões etc. Em nossa cultura, o porco é sempre associado com sujeira real ou metafórica. Daí a fala do cidadão comum “Rápido, uma máscara! Vem vindo ali um deputado...” poder ser entendida como “Rápido, uma máscara! Vem vindo ali um PORCO...”, pois devemos temer a “virulência” dos porcos metafóricos mais do que a do *influenza* A H1N1. Eles fazem mais mal à população do que a própria gripe.

A associação do político com o porco e da política como a lama e a sujeira do chiqueiro aparece também no texto 6.

Texto 6



Fonte: <http://www.slideshare.net/luciano.ob/charges>. Acesso em 10/10/09.

No texto 6, a cenografia remete os leitores para o edifício do Congresso Nacional em Brasília, sabidamente, a casa dos deputados federais do país. Remetidos a essa cena, os leitores deparam-se com o “bacião” do congresso cheio de porcos (leia-se “deputados”) chafurdando na lama. À frente do “bacião”, uma placa adverte: “**CUIDADO!** PERIGO DE CONTAMINAÇÃO”. Entre o Congresso e possíveis transeuntes há um cordão de isolamento. É impossível não ver no conjunto de traços – pictóricos e verbais – com os quais se tece a charge acima uma referência cruzada ao acontecimento momentoso da gripe suína e ao acontecimento ancestral da desonestidade endêmica e epidêmica na política brasileira. Quem da política se aproxima, dificilmente fica imune à desonestidade, ela é altamente virulenta e contamina todo mundo. Quer dizer, tornar-se político é quase sinônimo de tornar-se “porco”, “sujo”, “imundo”, logicamente no plano da moral e da ética.

Assim, para a construção da cenografia, joga-se com o que já está arquivado na memória discursiva desde há muito, mas ainda é atualíssimo – a podridão, a sujeira, a desonestidade do estamento político nacional – e um acontecimento recente que não sai da boca e do dedo da imprensa – a gripe suína. Assim, na advertência, lemos duplamente “**CUIDADO!** PERIGO DE CONTAMINAÇÃO pela sujeira da política” e “**CUIDADO!** PERIGO DE CONTAMINAÇÃO pelo vírus da gripe suína”.

No texto 7, abaixo, identificado como “Métodos de Prevenção da gripe suína” e provavelmente de autoria de João Zafred, a cenografia simula o encontro de duas crianças, num espaço público aberto (um portão de escola, uma praça pública, uma rua etc.). Uma das crianças mostra-se visivelmente gripada: está fungando “FUNC” e expele pelo nariz uma secreção abundante, fazendo, inclusive, uma poça de “meleca” no chão. Por meio do cumprimento “OI”, ela interpela a outra criança que é arrastada pela mão da mãe com firmeza, enquanto ouve o conselho: “FILHO, FIQUE LONGE DESSE MENINO! ELE É UMA MÁ **INFLUENZA** PRA VOCÊ!”. Nessa charge, o gatilho para o riso é ativado pela expressão “MÁ **INFLUENZA**” que remete o leitor automaticamente para a expressão “MÁ INFLUÊNCIA”, muito freqüente no discurso de mãe para filho. Novamente, estamos diante de um trocadilho obtido por alterações fonêmicas mínimas no plano do significante oral ou escrito – a troca da fricativa alveolar surda /s/, grafada <c>, pela fricativa alveolar sonora /z/, grafada <z>, e a supressão da vogal anterior /i/.

Texto 7



Fonte: http://charges.uol.com.br/bobagens_ver.php?bobagem_pk=1668

Quando uma mãe aconselha o filho a evitar as más companhias, as más influências, ela tem por referência a formação moral da criança. A charge, ao dizer “MÁ INFLUENZA”, promove um deslocamento da danação moral para a danação do corpo, da saúde. Mas o que nos faz rir é o fato de as duas vozes ressoarem juntas, uma deformando a outra. É nessa duplicidade que percebemos a brincadeira com a linguagem e somos levados, como leitores de um texto de fruição, a nos divertirmos com o inusitado.

Nos textos 8, 9 e 10, abaixo, os menos explicitamente politizados do conjunto, temos a oportunidade de observar a construção da cenografia por meio da intertextualidade, remetendo o leitor para o domínio da memória cultural.

Texto 8



Fonte: www.kibeloco.com. BR

A charge 8, assinada por RF, dialoga explicitamente com o conto de fadas “Os três porquinhos”, bastante conhecido entre nós. Os personagens – os três porquinhos e o lobo – correm num espaço aberto. O lobo, nitidamente apavorado, está com a língua de fora de tanto correr. Os três porquinhos – Prático, Heitor e Cícero – vêm atrás, com ares de deboche, rindo do medo que provocam no lobo. Há uma única expressão verbal, a onomatopéia “ATCHIIM!”, que, saindo da boca dos porcos, em tempos de gripe suína, é uma bomba virótica, que faz o lobo correr o quanto pode.

Texto 9



Fonte: www.kibeloco.com.br

A charge 9, assinada por Richard, também reenvia o leitor para a narrativa dos três porquinhos. A cenografia simula uma floresta com a cabana de palha, construída por Cícero, o porquinho mais preguiçoso da história. Na versão clássica do conto de fadas, o lobo descobre que há porquinhos morando na floresta. Sua barriga começa a roncar de fome e ele só pensa em comer os porquinhos. Um dia, bate na porta da casa de Cícero, que se esconde com medo. Diz: “Se você não abrir por bem, abrirei à força. Eu vou soprar muito forte e sua casa irá voar”. Com um assoprão, o lobo desfaz a cabana. Na charge, quem, amarelo de medo, se esconde na cabana é o lobo, representado com uma máscara sobre o nariz e as mãos na boca, numa expressão de pavor. Pelo lado de fora da casa, os três porquinhos, com ar sarcástico e malvado, parecem estar em posição de ataque. A eles se liga um balão de fala, cujo texto repete aquele dito pelo lobo no conto original: “Se você não abrir essa porta, nós vamos assoprar!”.

As charges 8 e 9 são uma (re)escritura do conto de fadas. Assim, para compreendê-las e rir delas ou com elas, é necessário o leitor conhecer o enredo original do conto. Entre o conto e a charge, há uma inversão de valores, um deslocamento das posições de poder. O medo, maior personagem da história, muda de posição, o forte se transforma em fraco, e o fraco em forte. O lobo amarelar de medo - esse é o “EFEITO ‘GRIPE SUÍNA’”.

No texto 10, abaixo, a cenografia também explora a intertextualidade. Dessa vez, o texto parodiado é o Gênesis, capítulos 6 e 7, quando Deus anuncia o dilúvio e ordena a Noé que entre na arca com a toda família e um par (macho e fêmea) dos animais puros, das bestas, das aves do céu e dos répteis, pois ele faria chover quarenta dias e

quarenta noites para exterminar da superfície da terra todos os seres que tivessem vida e respirassem, porque eles haviam se desviado do caminho do bem e tinham os pensamentos continuamente aplicados ao mal. Apenas a descendência de Noé, após o dilúvio, haveria de crescer, multiplicar-se e encher a terra, porque ele era um homem justo.

Texto 10



Fonte: WWW.jasielbotelho.com.br

A charge 10, assinada por Jasiel Botelho, simula a arca de Noé em meio às águas do dilúvio. Na arca, vemos Noé, um casal de girafas, um casal de elefantes, um casal de leões, uma ave, um macaco. A maioria dos animais está com máscara sobre o nariz. Num balão de fala ligado a Noé, lemos: “Sinto muito porquinho, você vai ter que ir andando!”. Quer dizer, na arca de Noé dos tempos da gripe suína não há lugar para o porco. O porco teria de ir nadando, mas depois de quarenta dias e quarenta noites de chuva, dificilmente ele chegaria vivo às montanhas do Ararat.

CONCLUSÃO

Dez charges: uma mesma cena englobante, uma mesma cena genérica, mas dez cenografias diferentes, uma para cada texto. Possenti (2008) mostrou que a cenografia é fundamental na constituição das cenas de enunciação de textos publicitários. No caso de textos chárgicos, ousaríamos dizer que a cenografia é a condição mesma de sua

existência. A charge vive de zombar de acontecimentos sazonais e o que traz tais acontecimentos para dentro do texto é a cenografia.

Nosso estudo mostrou que a cenografia simula cenas contemporâneas ou da memória cultural familiares aos dois pólos da enunciação, fazendo do enunciador e co-enunciador cúmplices no processo de comentar, criticar e escarnecer de alguém ou alguma coisa. A cumplicidade é a garantia do riso compartilhado. Por isso as charges envelhecem. Sob a retina de um público leitor que não reconheça as cenografias evocadas pelos enunciadores-chargistas, elas podem não fazer sentido, podem ser totalmente insossas, sem graça.

A semântica global nos permitiu focalizar, nas várias cenografias, os elementos formais mais significativos na produção dos efeitos de sentido em cada uma das charges: o trocadilho (textos 1, 4 e 5), a hipérbole pictórica (texto 2), a metáfora imagética política/porco (textos 5 e 6) e a intertextualidade (textos 8, 9 e 10), configurando-se, pois, como um aparato teórico-metodológico adequado para a leitura de textos multimodais.

BIBLIOGRAFIA

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise de discurso*. Campinas: Pontes/EdUNICAMP, 1989.

_____. *Termos-chave da análise de discurso*. Lisboa: Gradiva, 1997.

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar, 2005.

_____. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Unicamp, 1991.

_____. *Análise Automática do Discurso*. In: GADET, F. e HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, Editora da Unicamp, 1993.

POSSENTI, SÍRIO e BARONAS, Roberto Leiser (orgs). *Contribuições de Dominique Maingueneau para a Análise do Discurso do Brasil*. São Carlos: Pedro & João, 2008.

_____. Um dispositivo teórico e metodológico. POSSENTI, SÍRIO e BARONAS, Roberto Leiser (orgs). *Contribuições de Dominique Maingueneau para a Análise do Discurso do Brasil*. São Carlos: Pedro & João, 2008, p. 201-212.

_____. Discurso humorístico e representação do feminino. *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista, v.5, n. 1, p. 63-94, 2007.

_____. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. Vol. 3. São Paulo: Editora Cortez, 2004, p.353-392.

_____. Análise do discurso e acontecimento: breve análise de um caso. NAVARRO, Pedro. *Estudos de texto e discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Paulo: Claraluz, 2006, p. 93- 108.

SALGADO, Luciana. Cenas da Enunciação. *DELTA* [online]. 2008, vol.24, n.1, pp. 125-129. ISSN 0102-4450.

SIQUERI, Marcelo Silvestrin. *Caricatura política e a produção de discursos derrisórios*. Dissertação de Mestrado. Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem- MeEL/UFMT, 2006, 124 p.